

**Professor, nas páginas seguintes você encontra:**

- Um texto que lhe permite conhecer um pouco mais do contexto das cidades e igrejas das três cartas estudadas hoje. Nele há informações que, a seu critério, poderão ser utilizadas na aula.
- Dois mapas que mostram a região das igrejas às quais foram endereçadas as cartas de Apocalipse. O primeiro é seu e servirá como gabarito para correção do exercício que os alunos deverão fazer. O segundo, deverá ser impresso para cada aluno. Eles devem tentar acertar a localização das cidades onde se encontravam as igrejas. Mencione que as sete igrejas estão localizadas onde hoje é a Turquia. Em seguida, faça a correção.

## A CIDADE DE ÉFESO

A movimentada história da cidade de Éfeso já abarcava vários séculos quando essa carta foi escrita para a igreja que crescia dentro dela. Riquezas adquiridas pelo comércio e pela religião haviam permitido que Éfeso reconstruísse um templo que fora destruído por um incêndio. Esse templo era dedicado à deusa Ártemis (Diana, para os romanos) e servido por inúmeros sacerdotes e sacerdotisas. O templo era considerado uma das sete maravilhas do mundo. Os efésios construíram um teatro que comportava cerca de 24 mil pessoas – a cidade em si pode ter acomodado uma população de mais de 200 mil pessoas. Ramsay descreveu Éfeso como uma cidade em transição, isso porque o rio Caístro, ao longo do qual a cidade havia sido construída, assoreou e por fim inutilizou seu porto.<sup>1</sup> Isso representava um contratempo para os interesses comerciais da cidade, onde o trânsito por terra se encontrava com o trânsito por mar. Mas durante todo o século 1º d.C., Éfeso continuou sendo um enorme centro de comércio, especialmente de artefatos religiosos, e também um centro administrativo do governo romano (At 19.24, 31, 38).

Além disso, Éfeso construiu um templo para propagar a religião imperial de Roma. Em 89-90 d.C., a cidade inaugurou o templo dos Sebastoi (a família de Vespasiano, Tito e Domiciano) e, como era o costume, nomeou administradores do templo para a adoração do imperador.<sup>2</sup> Em Éfeso, a relação entre o culto de Ártemis e a religião estatal de Roma era estreita. Além do mais, os oficiais romanos forçavam o povo a adorar o imperador Domiciano e a expressar a fórmula “César é o Senhor”. Os cristãos eram relutantes quanto a colocar César acima de Cristo, pois o lema deles era “Jesus é o Senhor” (1Co 12.3). Em resultado disso, eram perseguidos.

O cristianismo é exclusivo, pois não permite compromissos com outras religiões (Jo 14.6; At 4.12). No final do século 1º, ele se encontrava em rota de colisão com Roma, que, inicialmente, havia concedido proteção aos cristãos sob a cobertura da religião judaica. Mas quando as autoridades romanas perceberam que o cristianismo era diferente do judaísmo e não estava disposto a se desviar dos seus ensinamentos, eles deixaram de tratar os cristãos com tolerância. Não podiam entender que esse povo se separava do mundo para formar uma sociedade completamente diferente. Na verdade, tanto odiavam o absolutismo dessa nova religião que tentaram eliminá-la, exigindo a observância da adoração ao imperador. Porém, os cristãos rejeitavam até uma obediência simbólica à religião estatal, pois não aceitavam nenhum rival de Jesus Cristo.

Inúmeras fontes revelam que, durante séculos, o templo de Ártemis foi declarado um lugar de refúgio para qualquer pessoa que tivesse cometido um crime. Durante certo tempo, até mesmo partes da cidade vieram a ter o *status* de lugar de refúgio. Por exemplo, a área que cercava o templo concedia impunidade até ao criminoso. Na época em que João escreveu o Apocalipse, em 95 d.C., o interior do templo de Ártemis servia como lugar seguro para qualquer ladrão, assaltante, comerciante de escravos e saqueador de um templo.<sup>3</sup>

O nível de moralidade entre a população da cidade era notoriamente baixo. As pessoas eram libertinas, supersticiosas, más e violentas. Heráclito, o filósofo grego e residente de Éfeso, supostamente comentou que “a moral do templo era pior do que a moral de animais, pois nem cachorros promíscuos se mutilam reciprocamente”.<sup>4</sup>

Parece que a população judaica da cidade era numerosa, rica e influente.<sup>5</sup> Os judeus haviam estabelecido uma comunidade cujos membros talvez tenham desfrutado o privilégio da

<sup>1</sup> Ramsay, *Letters to the seven churches*, p. 210-36.

<sup>2</sup> S. Friesen, “The cult of the roman emperors in Ephesus: temple wardens, city titles, and the interpretation of the Revelation of John”, em *Ephesos, metropolis of Asia: an interdisciplinary approach to its archeology, religion, and culture*, org. H. Koester, Harvard Theological Studies 41 (Valley Forge, Pa.: Trinity Press International, 1995), p. 236.

<sup>3</sup> Para referências, consulte Colin J. Hemer, *The letters to the seven churches of Asia in their local setting*, JSNTSup 11 (Sheffield: JSOT, 1986), p. 48-50.

<sup>4</sup> Veja William Barclay, *Letters to the seven churches* (Londres: SCM, 1957), p. 18.

<sup>5</sup> Josefo, *Antiguidades* 14.7.2 §112-113; *Contra Apião* 2.4 §39.

cidadania romana. Eles construíram sua sinagoga com a proteção legal de Roma para observarem sua própria religião, inclusive a observação do sábado. Apesar de terem recebido bem o ensinamento de Cristo quando Paulo foi a Éfeso pela primeira vez (At 18.19-21), eles logo depois o rejeitaram e, ao longo do tempo, se voltaram agressivamente contra o cristianismo (At 19.23-41, esp. 33). No entanto, Paulo trabalhou nessa cidade durante três anos e obteve resultados positivos tanto entre os judeus como entre os gregos (At 19.17-20; 20.21). Ele enviou uma epístola à igreja em Éfeso, provavelmente em 62 d.C., na época em que esteve preso em Roma. Depois que foi solto, ele visitou Éfeso, onde Timóteo trabalhava como pastor (1Tm 1.2-3). João também residiu na cidade e se tornou uma força influente. Porém, durante os últimos anos do reinado do imperador Domiciano (a primeira metade da década de 90), a pressão sobre a igreja aumentou devido ao culto ao imperador, resultando no banimento de João para a ilha de Patmos.

## A CIDADE ESMIRNA

A cidade de Esmirna (atual Izmir), localizada na costa oeste da Ásia Menor, tem um porto protegido numa baía cujas brisas refrescam a cidade durante os quentes meses de verão e fornecem um clima agradável. O porto estimulou o comércio, que ajudou a cidade a se desenvolver e se transformar numa metrópole comercial. Uma estimativa da sua população chega a 250 mil habitantes nos dias de Paulo, e que, hoje, pode ter dobrado. Era uma cidade próspera no fim de uma estrada de comércio que atravessava os campos férteis do vale de Hermus.

Em termos políticos, a cidade se juntou aos romanos e se tornou uma aliada fiel. Já em 195 a.C., ela construiu um templo para Dea Roma, a deusa de Roma. Em 26 d.C., ela dedicou um templo ao imperador Tibério e gabava-se de ocupar o primeiro lugar no culto ao imperador. Essa jactância agradou aos administradores romanos, que estimulavam a paz e a unidade, característica do espírito romano em todo seu império. William Barclay escreve que, a fim de tornar o espírito de Roma mais concreto, os romanos apresentavam o imperador como sua encarnação, e assim surgiu o culto ao imperador. Apesar de os primeiros imperadores terem desprezado esse culto, a população o alimentou a ponto de o imperador ser considerado divino.<sup>6</sup>

Os escritores da Antiguidade exaltavam Esmirna como a cidade mais linda em termos de edifícios, templos de Zeus e de Cibele e o traçado de suas ruas. Era conhecida como “a coroa de Esmirna”. O nome teve sua origem nos edifícios da cidade, cuja aparência simétrica era comparada a uma coroa.<sup>7</sup> Mas além dos edifícios e do planejamento da cidade, a natureza também contribuiu para a beleza de Esmirna. A cidade era abençoada com pequenos bosques de árvores, cuja resina produzia uma goma aromática de cor marrom, avermelhada ou amarelada chamada mirra. A palavra mirra (*smyrna*, em grego) aparece no Novo Testamento como um dos preciosos presentes entregues a Jesus pelos sábios do Oriente e como um dos ingredientes para o embalsamamento que Nicodemos comprou para o sepultamento de Jesus (Mt 2.11; Jo 19.39; veja também Êx 30.23; Sl 45.8; Ct 5.5, 13).

A população judaica era de tamanho considerável, pois é mencionada como força hostil à igreja local. Os judeus difamaram os primeiros cristãos, chamavam-se judeus, mas na verdade eram membros da sinagoga de Satanás e incentivavam a perseguição dos seguidores de Cristo (v. 9-10). A razão da oposição determinada deles contra a igreja não pode ser determinada. Enquanto os membros da igreja de Esmirna sofriam com sua pobreza, os judeus eram ricos. De acordo com uma inscrição do século 2º, por exemplo, os judeus certa vez doaram a soma de 10 mil denários a um projeto para embelezar a cidade de Esmirna.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Barclay, *Letters to the seven churches*, p. 32. Compare com Edward M. Blaiklock, “Smyrna”, *ZPEB*, 5:462.

<sup>7</sup> Hemer, *Letters to the seven churches*, p. 60; Ramsay, *Letters to the seven churches*, p. 256-57.

<sup>8</sup> Ramsay, *Letters to the seven churches*, p. 272, 444 n° 3; William Barclay, *The Revelation of John*, 2ª ed. (Filadélfia: Westminster, 1960), 1:92.

A oposição deles ao cristianismo foi documentada em conexão com o martírio de Policarpo que, em 23 de fevereiro de 155, foi morto por recusar-se a negar o nome de Jesus. Ele havia sido bispo de Esmirna durante muitos anos. Como santo idoso, ele teve de responder ao procônsul que lhe ofereceu a escolha entre amaldiçoar o nome de Jesus e viver ou confessar seu nome e morrer: “Servi a Cristo por 86 anos, e ele nunca me fez nenhum mal. Como posso blasfemar meu Rei que me salvou?”.<sup>9</sup> Então, o procônsul o condenou à morte na fogueira. Os relatos indicam que os judeus se destacaram na coleta da lenha para o fogo. Embora fosse um sábado, eles voluntariamente carregaram a lenha e assim violaram a lei.<sup>10</sup>

A data da fundação da igreja em Esmirna não pode ser determinada com certeza. Judeus devotos da província da Ásia estavam na festa de Pentecostes em Jerusalém quando o Espírito foi derramado (At 2.9), e alguns desses podem ter sido cidadãos de Esmirna e levado o evangelho para sua cidade. Também é possível que, quando Paulo foi a Éfeso no início da década de 50, ele ou seus companheiros tenham fundado a igreja em Esmirna. A carta de Policarpo à igreja de Filipos pode indicar que as boas-novas de Cristo ainda não tinham chegado a Esmirna quando Paulo escreveu sua carta aos filipenses em 62: “pois ainda não o conhecíamos [a Cristo]”.<sup>11</sup> Inácio, bispo de Antioquia, na Síria, foi levado a Roma como mártir no ano 110. Em sua viagem a Roma, ele fez uma escala em Esmirna, onde escreveu quatro cartas a várias igrejas. Mais tarde, quando descansou em Trôade, ele escreveu outras três cartas, uma delas para a igreja de Esmirna.

### A CIDADE DE PÉRGAMO

A cerca de 100 quilômetros ao norte de Esmirna e a mais ou menos 25 quilômetros de distância do mar Egeu, encontrava-se a cidade de Pérgamo (atual Bergama). Seu nome foi perpetuado no termo inglês *parchement* (*pergaminho*, em português; *parchemin*, em francês; *perkament*, em holandês; e *pergamino*, em espanhol). A expressão ilustra a indústria da antiga cidade de Pérgamo, onde, devido a um embargo comercial, seu povo, impedido de comprar produtos de papel (feitos de folhas de papiro egípcio), preparava peles de animais como material para escrever. A cidade não só vendia essas peles, mas também fundou uma biblioteca que, ao longo do tempo, veio a possuir 200 mil rolos. A cidade se transformou num centro de estudos, onde conhecimentos eram reunidos, aplicados e difundidos.

Localizada a uma altitude de mais ou menos 330 metros, a cidade de Pérgamo servia como fortaleza, que dominava a região. Foi uma cidade preeminente durante os séculos antes da invasão pelos romanos, que a transformaram numa capital. Pérgamo era conhecida como centro religioso, com templos para Zeus Sôtēr, Atena Nicéforo, Dionísio Categeomon e Esculápio Sôtēr. Construído numa saliência, o altar de Zeus se encontrava em frente ao templo de Atena. Era o monumento religioso mais esplêndido devido à sua altura de cerca de 13 metros. Esculápio era o deus da cura e atraía a atenção de inúmeras pessoas que sofriam de algum mal físico. Seu símbolo era a cobra, que, ainda hoje, aparece em brasões médicos. Depois da conquista de Pérgamo pelos romanos, estes construíram um templo em 129 a.C. Posteriormente, dedicaram o templo a Augusto e a Roma<sup>12</sup> e introduziram o culto a César. Templos dedicados a Trajano e Severo foram construídos muito mais tarde. O centro do culto ao imperador se encontrava em Pérgamo, e durante algum tempo a cidade rivalizou com Esmirna e Éfeso, pois recebera o privilégio de nomear um administrador de templo (*neokoros*). Foi também o primeiro centro administrativo romano na província da Ásia.<sup>13</sup> O procônsul, que residia nessa cidade, tinha o poder de decidir sobre a vida ou a morte de uma pessoa.

<sup>9</sup> Eusébio *Hist. Ecl.* 4.15.25.

<sup>10</sup> *O martírio de Policarpo* (compare 8.1 com 13.1).

<sup>11</sup> Policarpo, *Aos filipenses* 11.3.

<sup>12</sup> Tácito *Anais* 3.37.

<sup>13</sup> Para referências, veja Barclay, *Letters to the seven churches*, p. 46-53; e *Revelation of John*, 1:106-11; Charles, *Revelation*, 1:60-61; Ramsay, *Letters to the seven churches*, p. 281-90; Swete, *Revelation*, p. 34-35.

Observe que a palavra grega *sōtēr*, atribuída a Zeus e Esculápio, significa “salvador”. Para os cristãos, que reconheciam Jesus Cristo como seu Salvador, era impossível reconhecer esses deuses como salvadores. Além disso, jamais poderiam expressar o lema *César é Senhor*, pois para eles o título de *Senhor* era reservado exclusivamente para Jesus. Ao contrário dos 200 mil ou mais volumes da biblioteca de Pérgamo, eles possuíam apenas as Escrituras. Ao contrário dos muitos templos, eles não possuíam nenhum templo e diziam que sua comunhão cristã e até mesmo o corpo físico dos crentes eram o templo do Espírito Santo (1Co 3.16; 6.19). E em vez de procurarem a cura de Esculápio, os cristãos ensinavam que Jesus era seu grande médico. Ou seja, para os cristãos, a vida em Pérgamo era quase insuportável.

Por se recusarem a fazer qualquer concessão, os cristãos eram zombados pelos romanos, que os chamavam de “*christiani*”, e pelos judeus, que os chamavam de “nazarenos”. Foram acusados de deslealdade a Roma, desprezados, acusados de sedição, perseguidos e mortos. A despeito da perseguição, e até mesmo por causa dela, a igreja cristã continuava a florescer e a crescer em número.

Em Pérgamo, os cristãos enfrentavam diariamente a pressão de uma sociedade pagã. Caso se recusassem a aceitar um convite para participar de uma festa em honra de uma deidade pagã, não eram apenas isolados, mas perdiam também o emprego ou seu comércio. As pessoas os chamavam de párias incapazes de viver na terra. No entanto, para os crentes fiéis não há ninguém maior do que o seu Senhor, nenhuma lei humana que seja superior à lei de Deus e nenhum ensinamento que possa substituir o evangelho.

*Comentário do Novo Testamento – Apocalipse*, Simon J. Kistemaker, Editora Cultura Cristã



